

O URBANO E A DANÇA DO GRUPO CORPO: BREVE INTRODUÇÃO

URBAN AND THE DANCE OF GRUPO CORPO: SOON INTRODUCTION

ELIANE MIRANDA MARTINS

Universidade Federal de Viçosa

Endereço R. Angelina Bernardes n.91 apto 301

Santo Antonio - Viçosa – MG

CEP 36570-000

Telefone: (31) 38925541

E-mail: elianemiranda@yahoo.com.br

Orientadora: Dra. Solange Pimentel Caldeira

O URBANO E A DANÇA DO GRUPO CORPO: BREVE INTRODUÇÃO

RESUMO

O espaço urbano se converte numa dimensão maior quando analisamos diversos fatores que influenciam a vida cotidiana das cidades. Nelas ocorrem relações sócio-econômicas, políticas e culturais, o que a faz espaço de relações múltiplas, inter e transdisciplinares. As produções artísticas se processam dentro de um espaço, fornecem informações que pertencem a ele, podendo conter em seu produto final questões problemáticas enraizadas na sociedade. Nosso trabalho pretende analisar a produção de dança quanto ao espaço em que ela é produzida e perceber se este espaço, que se constitui no urbano, estimulou ou estimula a criação. Este artigo apresenta a introdução de nossa pesquisa, que tem a cidade de Belo Horizonte e o *Grupo Corpo*, como instrumentos de observação para viabilizar nossas reflexões.

PALAVRAS- CHAVE: Urbano/ Belo Horizonte/ Grupo Corpo

ABSTRACT

The urban space if converts into a bigger dimension when we analyze diverse factors that influence the daily life of the cities. Occurs partner-economic relations, cultural politics and, what it makes it space of multiple relations, Inter and transdisciplinares. The artistic productions if process inside of a space, supply information that belong it, being able to contain in its end item taken root problematic questions in the society. Our work intends to analyze the production of dance how much to the space where it is produced and to perceive if this space, that if constitutes in the urban one, stimulated or stimulates the creation. This article presents the introduction of our research, that has the city of Belo Horizonte and the *Grupo Corpo*, as instruments of comment to make possible our reflections.

KEY WORDS: Urban/ Belo Horizonte/ Grupo Corpo

1. INTRODUÇÃO

O espaço Urbano se converte numa dimensão maior quando analisamos diversos fatores que influenciam a vida cotidiana das cidades. Nelas ocorrem relações sócio-econômicas, políticas e culturais, o que a faz espaço de relações múltiplas, inter e transdisciplinares. Como as produções artísticas se processam dentro de um espaço, fornecem informações que pertencem a ele, podendo conter em seu produto final questões problemáticas enraizadas na sociedade, fazendo com que as pessoas reflitam mais sobre seu ambiente e sobre situações que fazem parte do seu cotidiano. Entendemos, portanto, a relevância de pesquisar a produção de dança, quanto ao espaço em que ela é produzida, questionando se este espaço, que se constitui no urbano, é aquilo que estimula ou estimulou a criação.

De acordo com CALDEIRA (2006): “Talvez a urbanidade seja inerente à condição humana”. Partindo desta reflexão pretende-se trabalhar uma análise através de dados adquiridos, com o objetivo de verificar a influência de dois aspectos da urbanidade, “Local” e “Global”, na produção de Dança Contemporânea. Apresenta-se no corpo do texto deste artigo a cidade de Belo Horizonte e a companhia de dança *Grupo Corpo*, como dois instrumentos de observação para viabilizar nossas reflexões diante das questões levantadas:

A) Como se constrói e reconstrói o espaço urbano em Belo Horizonte.

b) Analisar se a produção artística do *Grupo Corpo* possui uma expressão autêntica da vivência social e subjetiva local ou se ela reflete uma tendência capitalista global de consumo.

A natureza da pesquisa é descritiva e exploratória, o tratamento dos dados será de forma qualitativa, pois não se pretende quantificar de forma alguma os resultados, visto que o processo de urbanização ocorre de uma forma dialética e sua interferência

possivelmente atuará modificando a qualidade ou os conceitos de qualidade no espaço e na produção de dança contemporânea que ocorre dentro deste.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 BELO HORIZONTE

No caso de Belo Horizonte (BH), a história da cidade está marcada por três momentos característicos segundo PAULA *et all* (2004). Sendo o primeiro momento, de 1897 a 1950, época que marca a forte presença do estado estabelecendo de forma projetada a construção e reestruturação da cidade enquanto capital, inaugurando novos tempos de progresso material, cultural, buscando ao apropriar de outro espaço, cidadania e bem estar coletivo. Na década de 1920, em Belo Horizonte diversos grupos modernistas movimentaram o panorama cultural mineiro tornando Belo Horizonte responsável pelo pioneirismo no desenvolvimento em diversos âmbitos valorizando uma renovação da vida cultural e educacional. Registra-se também nesta época a criação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), precisamente no ano de 1927.

Para PAULA *et all* (2004) Belo Horizonte se tornou um espaço de renovação estética, arquitetônica e urbanística. Recebeu influências neoclássicas e o ecletismo neocolonial e neogótico-manuelino até 1929, depois de 1930 a cidade foi tomada pelo modernismo, tornado a capital uma cidade moderna, porém muito conservadora, sendo esta uma característica muito peculiar da capital Mineira.

O segundo momento, de 1950 a 1980, consolida-se de forma efetiva a cidade como pólo econômico, através das implantações de parques Industriais significativos e pelo expressivo crescimento populacional, neste momento será o capital que determinará os vetores de desenvolvimento da cidade. PAULA *et all* (2004), acredita que a cidade de Belo Horizonte nunca explorou seu significativo patrimônio como espaço cultural amplo ao desenvolvimento tecnológico e científico, se transformando em um campo ainda com bastante potencial nesta área.

O terceiro momento, iniciado em 1980, prolongando-se até os dias de hoje, está marcado por crises que causa impacto negativo. A sociedade experimenta neste tempo o empobrecimento expressivo, o desemprego que deriva no aumento dos trabalhos informais, e o aumento da violência, salvo o período entre 1980 a 1990 que, segundo PAULA *et all* (2004), se reconhece significativos avanços políticos e sociais. Apesar da crise, Belo Horizonte permanece como centro de diversas economias, culturas, e vem se afirmando, ampliando suas relações inter-estaduais, integrando-se às regiões mineiras como centro cultural e de serviço. Desenvolvendo cada vez mais uma condição de cidade urbano-regional contemporânea, Belo Horizonte vem criando condições gerais de produção exigida pelo capitalismo contemporâneo.

De acordo com PAULA *et all* (2004) “a cidade deve avançar na produção da chamada “cidade espetáculo” equipada para se inserir no fluxo dos capitais externos em áreas produtivas de ponta, dos serviços avançados e da cultura” (PAULA, 2004, 21)

2.2 GRUPO CORPO

Fundado em Belo Horizonte, em 1975, o *Grupo Corpo* é uma companhia de dança contemporânea. Seu primeiro espetáculo, *Maria Maria* (1976), teve sua estréia no Palácio das Artes em Belo Horizonte em 1º de Abril. Coreografado pelo argentino Oscar Araiz, “*Maria Maria*” teve música de Milton Nascimento e roteiro de seu letrista Fernando Brant. De 1989 até 1999, foi a Shell o principal patrocinador do *Grupo Corpo*. Uma parceria que definiu uma considerável estabilidade financeira. A partir de 2000 a Petrobrás é quem passa a ser a principal financiadora do Grupo, dando continuidade ao trabalho na mesma escala. O *Grupo Corpo* tem um projeto social *Sambalelê*, criado em 1998, que é o responsável por sua coordenação e gestão. Em 2000 foi criada a *ONG Corpo Cidadão* que passou a ser a gestora e proponente do *Sambalelê*. Seu último espetáculo foi *Breu*, estreado em 2007, coreografado por Rodrigo Pederneiras, que apresenta uma expressão artística da violência contemporânea.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estudo teórico sobre a cidade de Belo Horizonte, buscamos levantar dados importantes que possam servir de base para podermos confrontá-los a fim de encontrarmos nas nossas questões levantadas. Realizou-se uma entrevista, com termo de consentimento livre e esclarecido, com o Coreógrafo do *Grupo Corpo*, *Rodrigo Pederneiras*, através de um questionário elaborado relacionando o tema da pesquisa, que nos deu elementos essenciais para os resultados da pesquisa.

Rodrigo Pederneiras (2007) observou em relação às influências do espaço urbano projetadas na composição coreográfica do *Grupo Corpo*, que esse fator é realmente inerente, pois existe não só nas produções artísticas, mas em todos os momentos da vida, e que talvez no campo artístico influencie mais por ser uma percepção artística.

E agora no campo artístico talvez influencie mais, por que você fala mais de você, você fala mais das pessoas que te rodeiam, dos elementos todos que te rodeiam, e no fundo no fundo, no campo artístico você simplesmente fala mais, e eu acho que essa é a coisa básica. Então é claro que influência, influência e influência diretamente, por que eu acredito muito que agente é mesmo em grande parte produto do meio. (PEDERNEIRAS,2007)

Mas quando se fala em relação à *Companhia* como expressão artística mineira e expressão autêntica da vivência social e subjetiva local, Pederneiras se coloca de forma imparcial e argumenta com o fato de no início de 1980, quando começou a coreografar de forma efetiva para o *Grupo Corpo*, ele tinha um trabalho quase neoclássico:

*Local acho que nada, acho que nada, inclusive é, existiu um período eu comecei, quando eu comecei a trabalhar mesmo com o *Corpo* nos anos oitenta, era exatamente o contrário, quer dizer eu tinha um trabalho que era quase acho que podia se chamar quase que um neo-clássico, acho que não chegava a isso não mas era quase isso, eu trabalhava muito com, a partir de músicas eruditas (PEDERNEIRAS,2007).*

Ele diz que no final dos anos oitenta e início dos anos noventa ele se questionava muito sobre isso, principalmente em relação às danças brasileiras, mas, agora, ele diz que já faz muito tempo que ele não se preocupa com isso, que quanto menos se preocupar melhor, por que senão se sente muito preso. Concorda que foi uma experiência boa, um

momento de amadurecimento, mas agora prefere se ver livre dos parâmetros para trabalhar e isto se reflete no processo e no produto de suas obras.

Em relação à arte como tendência capitalista mercadológica, ele diz que hoje não há como fugir deste sistema, que nenhuma companhia de dança ou qualquer linha artística, teria como sobreviver autonomamente em relação ao mercado sem as Leis de Incentivo à Cultura. O *Grupo Corpo* tem uma ação empresarial, pois existem as responsabilidades com toda a estrutura e com todas as pessoas que a mantém isso gera um custo muito alto, pois todos seus funcionários e bailarinos trabalham com carteira assinada sem exceção. Coloca ainda a grande dificuldade de realizar uma *tournee* no Sul e Nordeste, até mesmo no Sudeste do Brasil, pois não existe lucro, o que existe é uma sustentação e manutenção da companhia.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que o homem cria o seu mundo e se modela a ele. Por mais que queiramos nos ver livres dos moldes somos influenciados indireta e diretamente, os modelos da cidade vão penetrando de forma inconsciente, como se o urbano passasse a ser um estilo evolutivo do próprio homem.

Vimos que, por mais distante que possa parecer, quando Rodrigo Pederneiras se coloca em relação ao *Grupo Corpo* ser uma expressão artística autêntica mineira e expressão autêntica da vivência social e subjetiva local, ele o qualifica em 1980 como um quase neoclássico. Quando vamos buscar na história de Belo Horizonte encontramos uma influência do neoclássico na Arquitetura e nas Artes no início de sua história até 1929, isso não seria uma expressão autêntica da vivência social e subjetiva local?

Estas relações se tornam conflituais entre a pessoa e o espaço, estamos perante uma crise na dimensão cultural e nossa realidade é o reflexo da multipluralidade de idéias e conceitos, e no mundo da Arte estamos sendo bombardeados com informações que se

manifestam de acordo com seu tempo e sua demanda. Não há como desvincular o urbano da arte contemporânea, seja qual for a área.

REFERÊNCIAS

BOGÉA, Inês (org). *Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo*. São Paulo: Cosac & Naify Edições.2001.

BRIONE, Fer [et alli]; *Realismo, Racionalismo, Surrealismo. A arte no entre guerras*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

CALDEIRA, Solange Pimentel. *O Lamento da Imperatriz: A linguagem em trânsito de Pina Bausch e a questão do espaço e a cidade na obra baudschiana*. Capítulo 4: “Espaçocidade”. Tese de Doutorado em Teatro, defesa em Abril de 2006. Rio de Janeiro. UNIRIO.

FERNANDES, Ana. [et alli]. *A história da Cidade e do Urbanismo no Brasil: Reflexões Sobre a Produção Recente*. Universidade Federal da Bahia: 2007.

GARAUDY, Roger. *Dançar a Vida*. Tradução Gloria Mariane e Antônio Guimarães Filho. Rio de Janeiro

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Tradução Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonsalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LEFÈBVRE, Henri. *Vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática. 1991.

LEFÈBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Tradução Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

PEDERNEIRAS, Rodrigo. Entrevista realizada em 09 de novembro de 2007. Belo Horizonte.MG.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org; Ed.34, 2005

PAULA, João Antonio de (et all). *Formação Histórica: Três Momentos da História de Belo Horizonte*. Belo Horizonte 2004.